

A construção ou a beleza de ler uma Brasília inteira

"The construction" or the beauty of reading an entire Brasilia

 Camilla Cristina Silva*

Resumo: Andressa Marques é escritora, professora e doutora em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília. Seu romance de estreia, *A construção*, publicado no final de 2024, é um convite forte e poético para conhecemos histórias de trabalhadores que criaram, sucumbiram e se recriaram nas descendências que hoje transformam Brasília e seus espaços, muitas vezes opressores. Centrada na história de Jordana, estudante cotista da UnB, a narrativa se encadeia por tempos que se entrecortam e se complementam em uma linha única de vidas, que seguem e se reconstroem. Entre seu mundo particular, o que descobre Jordana do passado ao presente são os nós de várias costuras entrelaçadas da construção à Brasília mais democratizada, mas não menos racista.

Palavras-chave: Trabalhadores de Brasília. Estudantes cotistas. Vidas reconhecidas.

—

Abstract: Andressa Marques is a writer, professor, and PhD in Literature and Social Practices from the University of Brasília. Her debut novel, *A construção*, published in late 2024, is a powerful and poetic invitation to learn about the stories of workers who created, succumbed, and recreated themselves in the descendants that today transform Brasília and its often oppressive spaces. Centered on the story of Jordana, a quota student at UnB, the narrative is intertwined through times that intersect and complement each other in a single line of lives that continue and rebuild themselves. Between her private world, what Jordana discovers from the past to the present are the knots of several intertwined seams of the construction of a more democratized, but no less racist, Brasília.

Keywords: Workers in Brasilia. Quota students. Recognized lives.

*Doutora em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Realizou estágio pós-doutoral no PPGHI/UnB (2023-2024). É professora da SEEDF e da UniProjeção. Contato: ccs.historia@gmail.com

Nota de leitura

Resenhar uma obra envolve atenção na leitura, na escrita e na forma com que aquela história te afeta. Ler o romance de estreia de Andressa Marques avassala nossa linguagem. A opção de escrever algo engessado se esvaiu nas primeiras linhas aqui conectadas. A narrativa de *A construção* é poesia prosada, que te leva do presente ao passado, da universidade ao terreiro. Traça vidas entrelaçadas pelo apagamento, que são (re)conhecidas pela luta diária e ocupadas da reexistência possível pelo coletivo.

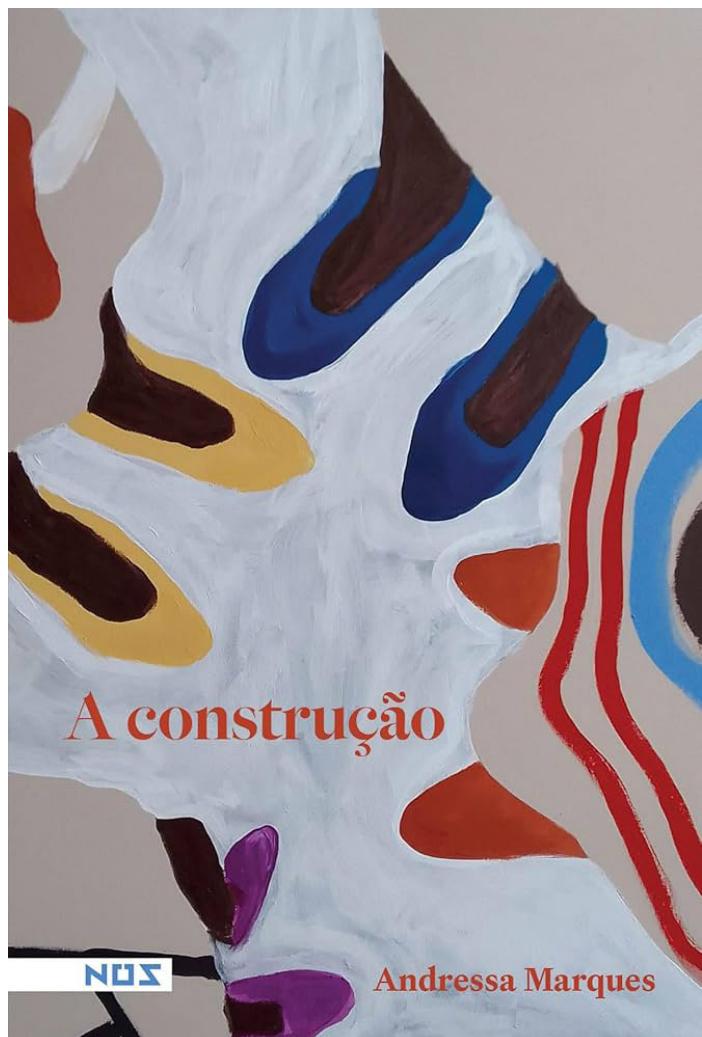
Antes de tudo, a sugestão é que você leia o livro. Aqui, a forma de contar essas histórias se confunde com a linha da escrita e do tempo criadas por Andressa Marques. A narrativa recorre à linguagem da autora, exprime-a em frases soltas e no perambular do ritmo que o romance toca e é sentido por essa resenhadora. A indicação é que leia as próximas linhas com um olhar sem divisas, do que é arte e o que é ciência, do que é história e o que é literatura, do que é padrão e o que é possível. *A construção* avassala a linguagem e te cria para outras formas de narrar o mundo.

A construção

Tem gente aqui, eles não estão vendo? A construção, de Andressa Marques, nos mostra que não, e que sim. A autora nos leva para conhecer a história daqueles que levantaram a Capital Federal e por ela foram tombados. Não como Juscelino, Niemeyer ou Lúcio Costa. Não há demarcação recorrente de suas caras, nem de seus nomes. Teve muita gente aqui! Uma parte concretada na Esplanada, uma parte afogada nos confins do Lago Paranoá e outra, resistente e viva, músculo das cidades que se formaram ao passo do planejamento.

A obra é uma demarcação da existência de gerações que constroem Brasília. Em uma narrativa que se desloca do presente ao passado, tal qual é o fazer da História, surge Jordana, uma jovem negra de Taguatinga, de sonhos fincados e sensibilidade única, que a conduzem à primeira turma de estudantes cotistas da Universidade de Brasília (UnB).

A universidade era pública, enfim. Os passos de Jordana pelos corredores da UnB se entrelaçam com sua trajetória para ali chegar. Jordana se apresenta para nós como promessa, em contraste com o que determinavam para a cor de sua pele. Filha de Fran e Marco, a primeira da família a estudar e seguir no ensino superior. Ela atravessa os espaços da desigualdade, que a carregam de Taguatinga ao Plano Piloto, até chegar à sala de aula



Capa da obra resenhada (Editoria Nós)

do professor Albernaz. Ali, a estudante que só poderia acertar, quis desaparecer, fazer valer o não lugar a que o professor a relegava. Foi a primeira aula e a primeira vez que sofria a violência desse novo espaço que ocupava. Não seria a última.

Enquanto acompanhamos a jornada de Jordana, ela nos apresenta as personagens da sua nova e da sua velha vida. Fran, sua mãe, dona de casa, que parecia descontar na limpeza do lar tudo que poluía seu interior. Abandonada por duas vezes – pela mãe e por Marco –, Fran é a mulher que some em sua própria sobrevivência e reaparece no olhar preocupado da filha. Já Marco, não some, mesmo quando devia sumir para deixar Jordana viver por si mesma.

A relação com o pai é algo marcante no romance. Marco aparece nos momentos-chave da transformação na identidade de Jordana. Havia muito ressentimento ali, na relação com esse pai presente que insistia em ser ausente. O dito e o não dito do dispositivo de Foucault (2000), ele era tudo e nada na vida da filha.

As coisas seriam diferentes. A universidade ativou outras Jordanas. A persistência da voz despótica, que a reprimia a cada passo, foi se desvaindo na sua relação com os corpos universitários e nas novas possibilidades que criou para os antigos vínculos. Ao conhecer Renata, Beatriz, Rodrigo, Marcinho e, em especial, Miguel, as tessituras de Jordana se encrespam, até seu cabelo. Seu movimento é parte do movimento estudantil negro em um espaço que se abre pela primeira vez institucionalmente para eles – não sem percalços.

Lemos Jordana se encantar por cada um de seus colegas. Ver neles o que existia (mas não via) em si. Da impetuosidade de Renata, que a assusta e desconforta, à presença inteira de Beatriz e Rodrigo, nossa protagonista se perde e se acha, se vê e se escuta, até escolher o que quer para si: Miguel. Olhar Miguel pelos olhos de Jordana é ver beleza na descoberta do outro. Miguel a desconcerta e conserta, faz água rolar pelo seu corpo, em uma das descrições mais sensuais do apaixonamento e do ato consumado.

Havia algo diferente em mim, era um nascer que vinha de fora. A universidade e, sobretudo, o movimento ecoam na trajetória de uma jovem tímida e quieta, talvez reprimida ou só cautelosa ao se colocar no mundo. Jordana se faz presente na primeira reunião de estudantes negros de que participa. É fundamental na articulação da próxima e esse papel central a faz assumir seu espaço no grupo. Espaço que não precisa tanto ser conquistado quanto ser reconhecido.

É nas tranças de seu cabelo liso de chapinha que, pela primeira vez, sentimos a conexão da personagem consigo, mas também com sua ancestralidade. Jordana vê beleza nesse desconhecido que passa a lhe cobrir e se apropria de espaços que se tornam só seus, ainda que compartilhados. O passado passa a se constituir não mais pelo olhar insistente de Marco.

E não é pra chorar, é pra ser forte. Jordana lembra as assertivas do pai, ativo no movimento e imbuído de uma postura contumaz de ataque. Necessária, quando se enfrenta na pele e na carne de muitos dos seus o racismo. Jordana sabia disso! Mas não queria ter que se sujeitar a ser de um jeito que o pai impunha. É nessa parte da narrativa, de descobertas e dias bons compartilhados com seu novo grupo, que a velha violência se apresenta no novo. O ataque à sala do grupo pelo olhar dela é paradoxal: sentido e racionalizado em um só tempo. *Preto na universidade só se for na cozinha do RU, era a “merda” escancarada dos espaços que se fazem (ou dizem ser) democráticos.*

Jordana vivencia ali aquilo que já sabia há muito. Marco e seu tio Leite eram sua consciência militante, de diferentes maneiras de ser. Ao contrário do pai, tio Leite parecia ser um homem mais sensato e atento às subjetividades. E era isso que emergia ali, uma subjetividade

tão íntima ao encarar a violência de frente. Jordana, de menina assustada com a sordidez humana, vê-se ação e transforma a água que corria pelos seus olhos no jato coletivo que lava todo o local. Ela chorou sim, mas a força também veio daí.

Minha safra teve início nesse dia. A beleza do romance também está em mostrar as curvas do cotidiano. Em um só dia, Jordana viu a universidade fechar e abrir seu tempo da promessa, de filha que teria uma vida diferente e melhor pelos caminhos dos estudos. Assim entra em cena Teresa, a professora negra que também era um corpo que abria espaço em um lugar que antes diziam não ser seu. Uma professora universitária, tal qual Lélia González (1984), ocupando o centro da linguagem, de quem fala e de quem escuta.

Teresa convida Jordana não só a ser pesquisadora, mas se fazer o centro de histórias que se conectam na construção de Brasília. A história do seu avô ainda nem existia, mas Jordana sabia que era ela que firmava os nós que costuravam sua vida e de muitas outras gestadas no concreto dessa capital embranquecida.

Era bonito ver alguém inteiro. O que Jordana sabia de seu vô era o que Marco sabia: ele veio para construir Brasília e morreu na obrigação. Os caminhos se apresentaram à jovem pesquisadora, cada pedacinho da vida dos seus foram se religando, antes e depois da descoberta do túmulo de Iran Almeida dos Santos. Era seu avô desaparecido e com ele reaparecia sua bisa, Rita. Mãe Rita, que nós leitoras já conhecíamos de longe.

Essa antiga nova história é entrecortada por outra, que reata a linha do tempo da protagonista. Não tanto o tempo da promessa, mas o tempo do novo, bom e amedrontador. O tempo que tem dois corpos para se entregarem em completa comunhão. Miguel e ela protagonizam uma das cenas mais arrebatadoras já escritas sobre sexo e amor. Dali começaria outra safra, nada esperada pela protagonista, mas que permite que fechemos a teia da narrativa de vida dessa família de construtores. O tempo não para e nem espera a gente se assentar, Jordana!

Jordana inteirada de passado e assombrada pelo futuro é a estética perfeita dos corpos que tangenciam a promessa, mas também se reiniciam pelo finco do pé em suas histórias não contadas.

Matilas, Jonas, Ritas e Irans: vozes desaparecidas

Andressa Marques não é historiadora de formação e ainda assim encara institutivamente um dos problemas centrais da teoria da História nos dias de hoje: pode o presente existir rompido com o passado? A narrativa que entrecorta as páginas seguidamente nos apresenta outro núcleo dessa família de construtores de vidas e cidades.

Assim conhecemos de onde partem os vínculos não sabidos de Jordana. O terreiro de mãe Matila, sua trisa, é o espaço que dá vida a essa família, que faz de Rita, sua bisa, mãe de Iran e de muita gente. Iran foi gestado entre roupas brancas e peles escuras, no centro espírita da vó que mais tarde passaria a sua mãe.

Ao entrecortar esses trechos de vidas, a autora nos faz querer saborear mais aquilo que permanece e que também se desconecta da ancestralidade. Saber de Matila e Rita também é saber do que Jordana se constitui. Uma sabedoria espiritual que parece conduzir a protagonista em seu anseio pela ciência. Havia outro tipo de ciência na sabedoria popular de suas antepassadas, suas raízes, que a autora nos apresenta pouco a pouco.

Na tessitura de vários tempos que se tornam uma só narrativa, enquanto Jordana vivencia o ataque à sala do grupo na UnB, seus ascendentes são despejados e têm suas terras queimadas pelo latifúndio. Entre passado e presente, eram dados avisos com *violência* e quando esta aparece [sempre] leva consigo o que é razoável, o que é humano. É nesse entremeio que Andressa Marques nos conquista. Ela sabe que há historicidades que tocam diretamente as experiências da protagonista. Não há como desconectá-la desse

passado que é só conhecido por nós e que ao final, quando desocultado, ele a arrebata.

Em paralelo aos ciclos desumanos que nos são apresentados nos caminhos dessa família, outras vidas foram traçadas para Ritas e Jordanas. Rita vê sua cria despertar para o mundo, como promessa, seguindo as águas da sua trajetória até a “Cidade Livre”, porto dos construtores. No final do livro, Iran chega a Brasília, ao passo que Jordana começa a chegar a Iran.

Jordana só conhece sua história através da ação na universidade, no movimento e na pesquisa. Foi preciso que ela se movimentasse, nas formas possíveis de sua subjetividade e desgarrada da imposição de um jeito de ser que não era seu, para que em um único dia ela descobrisse Iran, seu vô, e como alcançar sua família perdida. Ela era impetuosa, afinal, muito mais do que Marco prescreveu para ela. A relação entre presente e passado no romance nos permite ver Jordana por inteiro. Na mesma página, estão o túmulo de seu avô, a descoberta que Rita – viva – mora em Ceilândia e que essa história não terminaria ali. Gestar essa árvore genealógica é (re)existência que não se pode apartar mais. Andressa Marques sabe disso e cimenta a prole dessas vidas entrelaçadas no ventre de Jordana. Do túmulo conhecido de Iran, nasceria vida de sua neta e a vida seguiria. ■

Referências

- FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- GONZALEZ, Lelia. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- MARQUES, Andressa. **A construção**. São Paulo: Editora Nós, 2024, 192p.